

José-Augusto França *

Rafael Bordalo Pinheiro na Reabertura do seu Museu



Rafael Bordalo Pinheiro e Júlio César Machado
Capa de "Os Teatros de Lisboa" por J.C. Machado, 1875

Rafael Bordalo Pinheiro na Reabertura do seu Museu.

Reabriu recentemente o Museu Rafael Bordalo Pinheiro que fazia falta à cidade de Lisboa, não sei se mais do que qualquer outro, mas muito, com certeza, por dentro da vida da própria cidade que nele passa, de desenho em desenho, de memória em memória.

Rafael Bordalo foi a crónica de Lisboa e é a sua memória, enquanto lisboetas houver, assim, em suas vidas políticas, intelectuais, artísticas, teatrais – mesmo que menos teatro vá havendo, e menos divas de ópera, e muitíssimo menos



Camilo Castelo Branco
"Pontos nos ii", 2 de Julho 1885

circo com mulheres de largas coxas voando... Políticos esses sim, como nos desenhos do artista, em dez mil páginas de caricaturas e cenas, de jornal para jornal, de 1870 até ele morrer, em 1905. Todo um quartel do século, desde os realistas que eram românticos até os simbolistas que também o eram, no meio de gente que era coisa nenhuma, embora, ou só, aqui e ali se matasse – hoje o Soares dos Reis, amanhã o Camilo, depois o Antero, e o Mousinho também. Entre as prosas do Guilherme de Azevedo, primeiro “moderno” de versos pensados, e as de Ramalho Ortigão, e depois as de Eugénio de Castro, de Fialho e de João Chagas, com o Pan-Tarântula versejando à porta da Havaneza, os desenhos de Rafael Bordalo corriam com uma verdade iconográfica que não tinha nem podia ter concorrência de popularidade, da Baixa à Estrela e do Chiado a São Bento, mesmo que a Avenida se abrisse como abriu – fim de romantismo em Luíças perdidas e Pachecos achados...

Tudo isso foi Rafael Bordalo, a par das aflições do mano Columbano e na amizade tranquila do Malhoa, ao sol e às moscas. Isso mesmo foi esse desenhador algo boémio e pai de família, de mulher gorda raptada outrora, e pequena amante italiana encontrada num palco de teatro, por longo tempo também. Tempo seu e de trabalho que não parecia sê-lo, passeando ou “batendo” pela cidade, sabendo de tudo quanto em política se ia tramando, e aplaudindo, de luvas brancas, as arias da ópera – entre São Bento e São Carlos.

Foi o museu da obra deste homem que agora reabriu num lado do Campo Grande que inda o vai sendo, quase longe da cidade, com árvores antigas pelo meio, mal-grado os automóveis em corropio e tudo quanto à volta haja. É um palacete discreto, ou nem isso, uma vivenda como também já se não diz, e construiu-a um amigo do artista para expor as colecções que foi reunindo. Um amigo modesto, Cruz Magalhães, que nem amigo na realidade foi, mas (ou sequer) conhecido, apenas timidamente. Ou pacientemente, para poder juntar com paixão tanta coisa que ele sabia ser necessário mostrar à cidade, já em 1915 e melhor em 24, para que ela não pudesse perder a memória, na confusão de novas ruas e de novos bairros que iam multiplicar-se em caliça de gaioleiros...

Enquanto o Campo Grande, que pensou baptizar-se com o nome de Rafael Bordalo, ficava, e ali se guardava, pelo menos, a lembrança oferecida de um homem. À porta, o busto do artista, inaugurado em 21, de Raul Xavier, tendo abortado uma comissão anterior para idêntica homenagem, e também a ideia de encarregar Teixeira Lopes da obra que se ergueria, então, defronte da Casa Havanesa, na Ilha dos Galegos onde se sentou, depois, o poeta Chiado. A ideia foi de D. João da Câmara, tal como a primeira comissão foi presidida por Ramalho. A inauguração do busto, depois, teve discurso de



Zé Povinho e o Tratado de Lourenço Marques
"O António Maria", 5 Março 1881

Rafael Bordalo Pinheiro na Reabertura do seu Museu.

Magalhães Lima, e foi António José de Almeida quem falou, em arrouitado improvisado, à beira da campa de Rafael Bordalo, jovem paladino ele, velho leão o outro – antes e já quase depois de uma república que o artista trazia no coração sem carta partidária nem condecorações de Cristo, recusada também. Por independência, diga-se.



Zé Povinho, Rafael Bordalo Pinheiro e os seus colaboradores
"Pontos nos ii", 5 Janeiro 1888

Rafael Bordalo Pinheiro na Reabertura do seu Museu.

E a independência foi a maior lição de Rafael Bordalo numa terra em que toda a gente mais ou menos dependia do emprego público, a “coisinha certa”, ou queria ser “recebedor em Belém’ – sic, do Eça, n”A Capital”... E foi assim que o artista sabordou o seu primeiro jornal, em 85, porque, em matéria de jornalistas independentes, ele constatou estar sozinho, numa questão sórdida de homenagens e caridades oficiais. Único jornalista, afinal – tão difícil que era sê-lo sem ver os outros, que afinal eram isto e mais aquilo, em várias secretarias civis e militares, esgueirarem-se de rabo entre as pernas...

É claro que Rafael lançou logo depois do “António Maria” os “Pontos nos ii” e, após este, nova série do primeiro título,



Fontes Pereira de Melo
“O António Maria”, 6 Julho 1882

Rafael Bordalo Pinheiro na Reabertura do seu Museu.

obrigado a isso pelo 31 de Janeiro e uma prosa sulfurosa do Fialho de Almeida. E, mais tarde, "A Paródia" – conduzida já no cemitério dos Prazeres, em vida mais triste, por falta de gente... Na verdade, a gente que Rafael considerava como tal limitava-se muito ao Fontes Pereira de Melo, António Maria de seu baptismo. Outros políticos havia, ou houve, decerto, como bonecos dum pim-pam-pum nacional, mais ou menos bem ou mal tratados, conforme os humores do desenhador e as asneiras dos sujeitos, ministerialmente situados. Não exageremos, porém, neste discurso que malévolo nunca foi – mesmo quando pôs o Hintze Ribeiro a pontapé no traseiro fora da página que desenhava, considerando-o desde aí indigno de enquadramento, ou só mais tarde, por perdão duvidoso... Fora um caso de concussão ou de prepotência a modesto nível – mas chegou para que o artista ficasse acima do político, numa moral



Primeira aparição do Zé Povinho
"Lanterna Mágica", 12 Junho 1875

a que jamais se pode faltar, na coisa pública e no jornalismo. Assim falava Rafael Bordalo nos seus desenhos, e foi a maneira mais original de se falar nesta segunda metade do Oitocentos nacional.

Outras histórias do artista não vale a pena tornar a contar, que bem sabidas são. Que lástima, porém, que Teixeira Lopes não lhe tivesse esculpido a estátua (como, que projecto ou pensamento terá havido? ...), para a erigir no largo do seu Chiado, a dois passos daquela que, pouco antes, o escultor erguera no largo do Quintela, a Eça de Queirós – amigos ambos, em paralelo empenho, seguido em Lisboa, ou entre Paris e Tormes, para que Portugal não fosse outro, que não podia ter sido, mas fosse assim, com sua verdade e sua ingenuidade... Busto de Rafael? Alguma figura ao lado, desnuda, de véu diáfano, ou mais enérgica, como Daumier imaginara outra República? Ou, sentado (e de perna e boca abertas, como na sua primeira imagem, de 75), o Zé Povinho – que dele é sempre questão, quando de Rafael Bordalo se trata?

Porque o artista foi, acima de tudo, o criador, o “pai”, de Zé Povinho, tipo popular lisboeta ou alfacinha, com hortas mouras no sangue, crítico e vítima da vida nacional, com seus governantes e suas misérias, seus foguetes e seus encontrões, numa ingenuidade maliciosa, e num sentimentalismo feito de coragem de falar e desabafar, pondo a nu as realidades disfarçadas do estabelecimento pátrio. Assim fizeram outros tipos nacionais, como o John Bull britânico ou o Tio Sam norte-americano, mas nenhum deles tem a força significativa do herói português, no tempo em que viveu sob a pena de Rafael Bordalo, e do filho deste, em tom menor, e de muitos outros desenhadores e caricaturistas, pelos anos fora, do próprio século XIX ou do XX, até poder ser – e até voltar a ser, em Segunda República que não esqueceu a referência, para além de conjunturas de tempo e espaço urbano bem modificado. Mas que responde hoje ainda a tipos de berças saloias que se vêem atravessar ruas da cidade – só que com mais medo, de automóveis e de pessoas apressadas... Vêem-se, porém, e são-lhe bem parecidos; só as Amoreiras ainda lhes escapam, enquanto a entropia não entrar com os seus luxos...

Assim é o Zé Povinho, lisboeta de periferia mas com mais raízes na cidade que muita gente então de colarinhos de goma; raízes nas suas profundidades populares, mal adaptadas a um viver urbano ou urbanístico, incapazes de seu entendimento, e logo presentes sob o verniz mundano dos outros e do seu consumo. E guardando pelos tempos fora o seu poder crítico, a

sua desconfiança, a sua generosidade e a sua incomensurável paciência. Maria da Paciência, aliás, se chama a mulher do Zé. Feita de paciência, sim, mas é ela quem põe “os pontos nos ii” quando entende que a história, senão a História, precisa de uma varredura enérgica...

As duas personagens desta “commedia dell’arte” portuguesa percorreram páginas e páginas dos jornais e dos álbuns de Rafael Bordalo – e figuraram também em barro cozido e vidro, – peças de uma cerâmica que o artista introduziu em Portugal, com grandes peças decorativas de gosto muito fim-de-século, eclético e “kitsch”, com lembranças de Bernard de Palissy e modalgens manuelinas, grandes jarrões à glória de Beethoven, ou altares patrióticos ao Infante D. Henrique, mas também azulejos muito “arte nova”, florais ou zoológicos, pratos de pendurar com lagostas e couves, galinhas chocas, fontes de casa de jantar, e figuras de caricatura, tipos populares ou jeitos de gente conhecida. E, mais gravemente, uma Via-Sacra que havia de ir para as capelas do Buçaco, e acabou por ser um sonho frustrado, numa dezena de peças agora no Museu José Malhoa, das Caldas da Rainha.

No museu agora reaberto em Lisboa muita desta cerâmica marca uma importante parte da obra do artista, deixando as outras salas para o desenhador e o aquarelista, em folhas e folhas, para jornais ou outras ilustrações, de simples “portraits-charge”, como então se dizia, de gente de teatro, muita dela, por uma camaradagem em que Rafael Bordalo Pinheiro nasceu e morreu, numa Lisboa que era assim mesmo, gozando cenas de comédia ou de revista, de drama ou de ópera, nas suas noites tristes.

...Tristes e não, que Rafael Bordalo através delas passou a sua graça quotidiana, o seu encanto boémio – a sua melancolia também. Um desenho se vê no museu que o põe duas vezes em cena, dialogando consigo próprio, de um lado Rafael jovem, de trunfa negra, bigode em riste, monóculo impertinente, bengala de junco, todo de claro vestido, e, do outro, Rafael velho, um quarto de século depois, de sobrecasaca e chapéu alto soerguido, o monóculo pendente sobre o ventre arredondado, pedindo-lhe lume... Foi esse um *tempo-Bordalo* tanto quanto um *tempo-Eça*, exactos contemporâneos, quase ao mesmo tempo falecidos, na Lisboa dos Pachecos, dos Acácios, dos Gouvarinhos e dos Abranhos – mas também, graças a Deus, do Zé Povinho...

* Professor Catedrático na Universidade Nova de Lisboa.

Rafael Bordalo Pinheiro na Reabertura do seu Museu.



Peça decorativa, c. 1900

Referência

França, J.-A. — Rafael Bordalo Pinheiro na Reabertura do seu Museu. Revista ICALP, vols. 16 e 17, Junho-Setembro de 1989, 136-145